

TROTULA DI RUGGIERO (SÉC: XI) E AS CONTRUÇÕES DO CORPO FEMININO

MARIA IDA HELLENBRANDT¹; DANIELE GALLINDO GONÇALVES SILVA²;

¹Universidade Federal de Pelotas – maria.hellebrandt@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – danigallindo@yahoo.de

1. INTRODUÇÃO

A história considerada oficial está impregnada pela misoginia; é uma história baseada em princípios patriarcais. Demonstrar-se-á nessa apresentação, que embora o papel da mulher no período medieval tenha sido seriamente afetado pela escrita e pela visão do masculino e da igreja, ainda assim, foi possível, a uma mulher, Trotula di Ruggiero, ter acesso ao conhecimento da área médica, na conceituada Escola de Medicina de Salerno.

Trotula centra seus escritos em problemas especificamente femininos. Embora pouco se saiba sobre essa mulher, é através do tratado médico escrito por ela no século XI - *De passionibus mulierum ante in et post partum* (*As doenças das mulheres antes, e depois do parto*) -, em que são tratadas principalmente as práticas e cuidados relativos às especialidades do que seriam a ginecologia e a obstetrícia.

Esse trabalho buscará, através do diálogo com a historiografia acerca do tratado de Trotula, apresentar sucintamente a obra em questão bem como uma breve análise sobre como o corpo feminino é ali configurado. Para tanto, lançaremos mão de estudos oriundos da História do Corpo e da História das Mulheres, os quais contribuirão para compreender o macro, ou seja, a sociedade medieval do século XI na qual a obra está inserida, e para elucidar questões referentes ao corpo, mais especificamente ao corpo feminino.

Para o senso comum, na Idade Média a imposição da Igreja, construiu um discurso moral que define os papéis sociais de gênero, de onde surgem três representações: Eva como pecadora, culpada de todos o mal que atingiu a humanidade, a Virgem Maria, a santa assexuada (o exemplo a ser seguido), e Madalena a pecadora arrependida. Portanto, essas representações de corpo criadas a partir de imagens que oscilam entre o poder e o imaginário propõem “o corpo torna-se útil e eficiente, mas ao mesmo tempo torna-se dócil e submisso: o corpo só se torna útil, se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso” (FOUCAULT, apud, RODRIGUES, 2003, p. 118).

2. METODOLOGIA

A pesquisa decorre da leitura, análise e interpretação das fontes secundárias como: livros; artigos acadêmicos; teses; dissertações; monografias, além de buscas via internet em bancos de dados e em sites especializados. Já a investigação da fonte primária baseou-se na obra recentemente traduzida do Latim para o português *De passionibus mulierum ante in et post partum* (*As doenças das mulheres antes, e depois do parto*), composta pela médica Trotula di Ruggiero, que viveu em Salerno, sul da Itália no século XI, exercitando a arte médica e repassando o seu conhecimento como mestra na renomada Escola de Medicina de Salerno.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Trotula di Ruggiero é o nome que se impõe com autoridade em medicina das mulheres do século XI ao XV, a ela é atribuída a autoria de tratados médicos nos campos de ginecologia, obstetrícia e cosmética, que obtiveram ampla divulgação no período em toda Europa Ocidental.

Até o século XIII sua obra foi referência na medicina e contribuiu para as transformações na produção do conhecimento e exercício da atividade médica, resultando em mudanças no domínio das mulheres nas intervenções nos corpos femininos (GREEN, 2008, p. 23).

As histórias da medicina e de Trotula di Ruggiero se fundem nos tratados por ela escritos. Ainda que sejam escassas as informações sobre Trotula, sabe-se que pertencia a uma família nobre que viveu no Sul da Itália no século XI e por sua origem aristocrática pôde frequentar a Escola de Medicina de Salerno, na qual mais tarde exerceu seu ofício de médica e professora. Teria se casado com o médico salernitano Giovani Plateario e sido mãe de dois filhos, Giovani Plateario o jovem e Matteo Plateario, que também se tornaram médicos e tratadistas salernitanos.

De modo geral costumamos ver o medievo como masculino e misógino, é certo que a mulher nesse período além de ser dependente da tutela do homem, estava relativamente privada de direitos, porém é difícil sustentar essa hipótese de marginalização generalizada da mulher medieval (SIMONI, 2010, p.1).

De acordo com Georges Duby (1989, p. 15), a Idade Média é um período no qual o masculino prevalece, os homens é que são ouvidos, suas ações é que são conhecidas como efetivas. Nos textos literários desse período histórico é a palavra deles que aparece, e eles falam e escrevem sobre as mulheres e seus corpos. Poucas são as vozes femininas. É nesse contexto que Trotula di Ruggiero surge e torna-se fundamental, não só para a medicina mas principalmente para as mulheres de sua época e porque não dizer, para a história das mulheres.

É na Escola de Medicina de Salerno, que começa a história das parteiras medievais e a história de Trotula di Ruggiero. Para Margaret Wade Laberge (1986), não há dúvida que os primeiros conhecimentos médicos, estavam centralizados em Salerno. Já a existência de Trotula é motivo de grandes debates, seu nome está associado aos primeiros tratados, que eram basicamente práticos.

Trotula di Ruggiero destacou-se das demais mulheres que estudaram em Salerno, por não só estudar e cuidar de suas companheiras, mas também por ensinar e divulgar para o mundo o que fazia. Embora o fato de ser mulher conferisse a Trotula uma credibilidade maior sobre as doenças femininas diante de médicos homens que se dedicavam a essas doenças, seria um equívoco limitar seu conhecimento às doenças das mulheres, seria negar-lhe o saber adquirido pelos estudos de textos credenciados pela comunidade médica.

Em seu tratado intitulado *De passionibus mulierum curadorum ante, in, post partum* (*Sobre as doenças das mulheres antes, durante e depois do parto*), Trotula segue fontes como Hipócrates (460-377 aC.), Galeno (129- 200 aC.), Oribásio (325 - 403 aC.) e Diocórides (40-90 aC.). Sua obra além de descrever experiências teórico-práticas de medicina, introduzem uma reflexão filosófica acerca do corpo. Trotula busca explicar o ser humano segundo a visão orgânica do todo, devendo estar as partes relacionadas harmonicamente para garantir a saúde. Isto é, para a médica, órgãos e sistemas do corpo humano estão interligados, assim, não considerar esse fato leva ao risco de não alcançar a cura do paciente. Em outras palavras, o bem-estar dependeria do funcionamento harmônico de diferentes fatores como a beleza, cuidados e afetos. Esses seriam os motores de sua “filosofia

médica” ligada a uma “filosofia da natureza”, para as quais esses cuidados seriam um modo de reencontrar a harmonia do corpo como um todo. Essa era a linha mestra de toda a obra de Trotula di Ruggiero.

4. CONCLUSÕES

No atual momento da pesquisa percebe-se que o debate iniciado no século XVI, sobre a existência histórica de Trotula, sobre sua identidade e sobre a autenticidade de seus escritos, sob o argumento de incapacidade da mulher medieval para exercer a função médica, ser mestra e escritora, encontra-se em aberto. Não obstante há a riqueza de detalhes do conjunto de manuscritos encontrados e que chegaram até nós.

Os próximos passos da pesquisa serão direcionados para o encontro de novas fontes historiográficas que dialoguem com o propósito de contribuir para que Trotula volte a ser, uma personagem provável, não somente para a história das mulheres ou para história da medicina, mas para a História, principalmente sendo uma mulher falando do corpo feminino.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fonte primária

TROTULA DE RUGGIERO. **Sobre as doenças das mulheres**. Tradução de Alder Ferreira Caldo e Karine Simone. Tubarão: Copiart, 2018.

Literatura Secundária

DUBY, Georges. **Idade Média dos Homens**: do amor a outros ensaios. São Paulo: Cia das Letras, 1989

GREEN, Monica. **Making Women's Medicine Masculine**. New York: Oxford University Press, 2008.

LABARGE, Margaret Wade. **La mujer en la Edad Media**. Trad. Nazaret de Terán. Madri: Nerea, 1986.

RODRIGUES, Sérgio Murilo. A relação entre o corpo e o poder em Michel Foucault.

Psicologia em Revista. Belo Horizonte. v. 9, n. 124, p. 109-124, Junho. 2003.

SIMONI, Karine. De dama da escola de Salerno a figura legendária: Trotula de Ruggiero entre a notoriedade e o esquecimento. **Fazendo Gênero 9**: diásporas, diversidades, deslocamento. 23 a 26 de agosto de 2010.